



DOI: <https://doi.org/10.26694/cadpetfilo.v16i32.7353>

TODA A SUA VIDA DO INÍCIO AO FIM: O *ETERNO RETORNO* EM *HISTÓRIA DA SUA VIDA* E *A CHEGADA*

All your life from beginning to end: the eternal return in the story of your life and the arrival

Romário Lima Farias¹

RESUMO

O presente artigo propõe uma análise da presença do conceito do Eterno Retorno de, Friedrich Nietzsche, na obra *História da sua vida* de Ted Chiang e em sua adaptação cinematográfica, *A Chegada*, dirigida por Denis Villeneuve. Apesar de algumas divergências, as obras compartilham essências e conceitos, sendo exploradas como fontes de estudo em várias disciplinas, como Filosofia, Comunicação, História, Literatura, entre outras. O objetivo é examinar os aspectos textuais e visuais, analisando a adaptação literária para o cinema e observando como o Eterno Retorno contribui para a trajetória da protagonista Louise Banks em direção à aceitação e afirmação do seu destino e da sua vida. Ao final, constata-se como a protagonista personifica o conceito de *Amor Fati* ao abraçar conscientemente sua jornada, validando a pertinência da filosofia nietzschiana para a análise de narrativas contemporâneas.

Palavras-Chave: Eterno Retorno, *História da sua vida*, *A Chegada*.

ABSTRACT

This article proposes an analysis of the presence of Friedrich Nietzsche's concept of the Eternal Return in Ted Chiang's work *Story of Your Life* and in its film adaptation, *Arrival*, directed by Denis Villeneuve. Despite some divergences, the works share essences and concepts, being explored as sources of study in various disciplines, such as Philosophy, Communication, History, Literature, among others. The objective is to examine the textual and visual aspects, analyzing the literary adaptation for cinema and observing how the Eternal Return contributes to the trajectory of the protagonist Louise Banks towards the acceptance and affirmation of her destiny and her life. In the end, it is noted how the protagonist personifies the concept of *Amor Fati* by consciously embracing her journey, validating the relevance of Nietzschean philosophy for the analysis of contemporary narratives.

Keywords: Eternal Return, *Story of Your Life*, *Arrival*.

¹ Mestre em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPI. E-mail: romalfarias@ufpi.edu.br



INTRODUÇÃO

Os conceitos presentes na obra do filósofo Friedrich Nietzsche (1844 – 1900), se destacam dentro do mundo acadêmico, dentre estes, a ideia do *Eterno Retorno* que aparece em algumas de suas obras, especialmente em *Assim Falou Zaratustra* (onde o filósofo, em tom alegórico, “sempre fala numa profecia, num anúncio ou numa doutrina”² de repetição eterna da vida e dos acontecimentos), também é bastante explorada dentro e fora das mais diversas áreas do conhecimento, além de servirem de fonte de inspiração ou de debate em diversas obras do mundo das artes e do entretenimento, como por exemplo no cinema (*A Chegada*, *O Feitiço do Tempo*, *No Limite do Amanhã*), na literatura (*A Máquina do Tempo*, *Assim Falou Zaratustra*, *História da sua vida*) ou nas histórias em quadrinhos (*Watchmen*). Percebe-se, então, que a presença de conceitos trabalhados por Nietzsche até hoje permeiam o mundo das ideias e dos sentidos produzidos pelo imaginário humano.

Entendendo estes produtos como produções culturais, sociais e expressivos da humanidade e da mente humana, estas obras são exploradas como fonte de estudo para diversas áreas do conhecimento, podemos assim encontrar diversos artigos, trabalhos de conclusão de curso, dissertações de mestrado e teses de doutorado que discutem e relacionam obras e conceitos de Nietzsche com produtos artísticos e culturais.

Encontramos fundamentação teórica para este artigo nas obras do próprio filósofo - *Gaia Ciência*, *Ecce Homo*, *Assim Falou Zaratustra* - e em artigos de teóricos que discutem seus conceitos, como Roberto Machado, Diego Sanchez Meca, José Antônio Feitosa Apolinário, Marco Brusotti, Paolo D’Iorio, e Juliano Neves. Encontramos ainda trabalhos que convergem com a nossa análise acerca do filme *A Chegada* e o conceito do *Eterno Retorno*, como por exemplo: *A estruturação temporal no filme “A Chegada”* de Guilherme Guedes Dezopa e *Aspectos do “Eterno Retorno” de Friedrich Nietzsche no filme A Chegada* de Larissa Aparecida Ramos.

Desta maneira, este artigo pretende discutir a presença do conceito do *Eterno Retorno*, desenvolvido na obra de Nietzsche, dentro da narrativa do conto *História da sua vida* escrito por Ted Chiang em 1998 e na sua adaptação cinematográfica que possui o título *A Chegada*, dirigida por Denis Villeneuve e lançada aos cinemas no ano de 2016.

A intenção deste artigo é percorrer os aspectos textuais e visuais destas obras,

² MECA, Diego Sanchez. “Nietzsche ou a eternidade do tempo”. In: Cad. Nietzsche, São Paulo, n. 33 2013, p. 4.



observando o trabalho de adaptação do produto literário para o cinema, percebendo os usos das possibilidades narrativas que as duas modalidades podem oferecer, para assim adentrar na trama e compreender a trajetória que leva a protagonista *Louise Banks* (Amy Adams) para uma forma de aceitação e afirmação do destino e da vida, observando e dialogando a com a presença do contexto do *Eterno Retorno*.

Em vias gerais estas obras, apesar de conterem divergências dentro de seus trechos e de seus acontecimentos, se assemelham em suas essências, trazem conteúdos análogos e o necessário para manter o sentido da obra e dos conceitos explorados.

A estrutura deste trabalho foi delineada para guiar o leitor desde a base filosófica até sua aplicação nas obras analisadas. O percurso inicia-se com uma exploração do conceito de Eterno Retorno em Friedrich Nietzsche, partindo da sua formulação hipotética em *A Gaia Ciência* para chegar à sua dimensão afirmativa em *Assim Falou Zaratustra*. Subsequentemente, o artigo promove um diálogo entre a narrativa literária de Ted Chiang e a linguagem cinematográfica de Denis Villeneuve, investigando como as convergências e, sobretudo, as divergências entre o conto e o filme enriquecem a interpretação do tema. A análise demonstra como ambas as obras utilizam a hipótese Sapir-Whorf como catalisador para subverter a percepção linear do tempo. O ápice da discussão ocorre ao se examinar a trajetória de Louise Banks, que, ao obter o conhecimento de toda a sua vida, opta por acolher sua jornada integralmente, culminando em uma afirmação da existência — um sagrado dizer-sim à vida, em plena consonância com a filosofia nietzschiana.

O MAIS PESADO DOS PESOS

Nietzsche nos afirma, em *Ecce Homo*, que o *Eterno Retorno* seria a concepção básica de *Assim Falou Zaratustra*, e o via como a “mais elevada fórmula de afirmação que em geral se pode alcançar”³. Facilmente pode-se associar o termo *Eterno Retorno* à uma simples ideia de uma repetição cíclica, uma reprodução eterna de fatos ou de momentos, a ideia de uma história talhada pela repetição não é originária do pensamento de Nietzsche, que afirma em *Ecce Homo* que a doutrina do *Eterno Retorno* “(...)poderia, em última análise, ter sido já também ensinada por Heráclito. Pelo menos, a *Stoa*, que herdou de

³ NIETZSCHE, Friedrich. ECCE HOMO. Como se chega a ser o que se é. 2008, Covilhã: LusoSofia, p. 74.
CADERNOS PET, V. 16, N. 32 ISSN: 2176-5880



Heráclito quase todas as suas ideias fundamentais, apresenta dela alguns vestígios”⁴.

O *Eterno Retorno* da filosofia Nietzscheana aparece em *A gaia ciência*, no aforismo intitulado “o mais pesado dos pesos”:

“... E se um dia ou uma noite um demônio se esgueirasse em tua mais solitária solidão e te dissesse: “Esta vida, assim como tu vives agora e como a viveste, terás de vivê-la ainda uma vez e ainda inúmeras vezes; e não haverá nela nada de novo, cada dor e cada prazer e cada pensamento e suspiro e tudo o que há de indivisivelmente pequeno e de grande em tua vida há de te retornar, e tudo na mesma ordem e sequência (...)”. Não te lançarias ao chão e rangerias os dentes e amaldiçoarias o demônio que te falasse assim? Ou viveste alguma vez um instante descomunal, em que lhe responderias: “Tu és um deus, e nunca ouvi nada mais divino!” Se esse pensamento adquirisse poder sobre ti, assim como tu és, ele te transformaria e talvez te triturasse; a pergunta, diante de tudo e de cada coisa: “Quero isto ainda uma vez e ainda inúmeras vezes?” pesaria como o mais pesado dos pesos sobre o teu agir!”⁵

Nietzsche parte do pressuposto de que o tempo e a energia do universo são infinitos e de que toda a matéria do universo seria finita. Compreendendo assim, que esses vetores estariam intimamente ligados e de que através deste caráter interminável do tempo, haveriam de se produzir e se repetir infinita e inevitavelmente combinações iguais da matéria e da existência.

Sem definição, viveríamos frente à repetição incontável de nossas vidas; sem fim, “negamos a existência de alvos finais: se a existência tivesse um, teria de estar alcançado”⁶, pois, na compreensão de Nietzsche, se algum equilíbrio das forças que regem o universo e a matéria houvesse de ser encontrado, ele ainda perduraria: portanto, nunca ocorreu.

Um dos pontos a se pensar, ao tomar consciência desta situação, seria: como interpretaríamos esse *Eterno Retorno* das nossas vidas exatamente como as vivemos e as viveremos? “Queremos isto ainda uma vez e inúmeras outras vezes?” Amaríamos nossas vidas e nossas condições? Amaldiçoaríamos este demônio que nos contou isto e também a nossa existência?

A compreensão de que vivemos a mesma vida durante a eternidade, para Nietzsche, deve vir acompanhada da aceitação de toda esta existência, é ter consciência do destino e da vida e assim amá-la, aceitá-la, mesmo suas faces mais negativas e dolorosas. O *Eterno*

⁴ NIETZSCHE, 2008, p. 55.

⁵ NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia Ciência*. São Paulo: Cia das Letras, 2009, p. 230.

⁶ NIETZSCHE, Friedrich. *Vida e Obra*. São Paulo: Nova Cultura, 1996, p. 433.



Retorno é, ao que nos diz D'Iorio:m[...] o acabamento de uma filosofia que tem a força de aceitar todos os aspectos da existência, mesmo os mais negativos, sem ter necessidade de dialetizá-los, sem ter necessidade de excluí-los [...]⁷

Seria um “dizer sim sem reserva, até mesmo ao sofrimento, à própria culpa, a tudo o que é problemático e estranho na existência...”⁸, entenderíamos que somos os únicos responsáveis pela nossa existência pelo nosso aqui e agora, levaríamos em conta a intensidade desta vida, considerar todos os aspectos dela como importantes e essenciais.

Apenas assim conseguiríamos compreender e aceitar que nossas vidas são formadas tanto por experiências prazerosas quanto por experiências apazíveis, e ainda, que mesmo as enfermidades, as doenças, as desventuras e as adversidades são parte do todo que é a existência. O homem senhor de si, “6000 pés além do homem e do tempo”⁹, consciente do destino e da sua vida a aceita de forma integral, recebe e acolhe o *Eterno Retorno* do mesmo para afirmar-se, para afirmar a sua existência.

Segundo Diego Sanchez Meca, ao tratar sobre a ideia do *Eterno Retorno* e a visão do tempo na obra de Nietzsche, que este pensamento “Nem sequer precisa ser uma ideia verossímil ou provável, o que ela precisa é ser uma ideia eficaz enquanto instrumento de transformação e educação”¹⁰ explicitando que o filósofo não construiu uma base teórica sólida sobre o assunto, mas que, de maneira alegórica através dos ensinamentos de *Zarathustra*, transmite a ideia deste *Eterno Retorno*, da transvaloração dos valores, da visão da unicidade da vida, dos momentos inseridos nela, do instante e da afirmação da existência e da superação do Niilismo.

A QUEBRA DA LINEARIDADE EM *HISTÓRIA DA SUA VIDA E A CHEGADA*

Este complexo conceito de tempo e aceitação, apresentado por Nietzsche, encontra uma poderosa representação ficcional na jornada da linguista Louise Banks, protagonista das obras aqui analisadas. No enredo das narrativas que este artigo se propõe a analisar,

⁷ D'IORIO, Paolo. O eterno retorno. Gênese e interpretação.”. In: Cad. Nietzsche, São Paulo, n. 20, 2006, p. 5.

⁸ NIETZSCHE, 2008, p. 54.

⁹ Inscrição presente nos cadernos de Nietzsche no esboços de *Ecce Homo*. “A concepção fundamental da obra, a ideia do eterno retorno, a mais elevada fórmula da afirmação que em geral se pode alcançar – situa-se no mês de Agosto do ano de 1881: está anotada numa folha com a inscrição: «6000 pés acima do homem e do tempo».” (Nietzsche, *Ecce Homo*, 2008)

¹⁰ MECA, 2013, p. 168.



encontramos a personagem-narradora Louise Banks, uma mulher norte-americana, professora universitária, especialista em Linguística e em traduções, que nos conta através de suas memórias – uma coexistência de passado, presente e futuro – a chegada de naves extraterrestres até o nosso planeta. Sua aproximação com os seres que habitam as naves se dá pelo convite de oficiais do exército para que ela tente traduzir o idioma destas criaturas conhecidas como Heptapods.

Ao tentar realizar este trabalho Louise entra em contato com uma forma de escrita heptapod e durante a trama consegue aprender a ler e compreender estes *logogramas*. Esta capacidade de compreensão vem, para Louise, acompanhada da habilidade de conceber o tempo de uma outra maneira, diferente da qual estamos acostumados, as memórias da personagem conectam presente, passado e futuro ao mesmo tempo, de forma simultânea, assim como os próprios heptapods o veem.

Atenhamo-nos aqui que para debatermos a adaptação do conto *História da sua vida* para o filme *A chegada*, buscaremos não hierarquizar estas obras, não cair na ideia de “um texto-fonte constituído como matriz modelar”¹¹. O caminho visa traçarmos paralelos entre as obras, enxergando-as como narrativas intertextuais e corroborando com as ideias de Maria Cristina Ribas ao dizer que “Na perspectiva discursivista, a adaptação pode ser entendida como prática discursiva em que os laços com a suposta matriz podem ser refeitos em outros nós e vozes, num processo constante de transformação e reciclagem.”¹². A partir desta visão, entendemos que tanto a narrativa fílmica quanto a literária possuem maneiras diferentes de se expressarem, de contarem uma história e de serem experimentadas por aqueles que a leem ou assistem.

Olhando para as obras em que buscamos analisar, enxergamos aproximações e distanciamentos, o que seria até óbvio já que todo método de adaptação de uma plataforma textual para outra passa por diversos caminhos e por diferentes possibilidades narrativas.

O primeiro ponto que gostaríamos de abordar neste artigo é que a trama destas narrativas levam à fundo a hipótese *Sapir-Whorf*, segundo a qual “a língua de uma determinada comunidade organiza sua cultura, sua visão de mundo, pois uma comunidade vê e compreende a realidade que a cerca através das categorias gramaticais e semânticas de

¹¹ RIBAS, Maria Cristina Cardoso. Literatura e(m) cinema: breve passeio teórico pelos bosques da adaptação. In: ALCEU - v. 14 - n.28 - jan./jun. 2014, p 125.

¹² RIBAS, 2014, p 125.



sua língua”¹³. Há aí uma interdependência entre linguagem e cultura, que nos leva a entender que ao entrar em contato e aprender uma linguagem diferente, instruiríamos e nos condicionariamos também a pensar o mundo e o que está ao nosso redor de maneira diferente da qual estávamos anteriormente acostumados.

Para Louise esta nova visão de mundo é a sua mudança na concepção do tempo, pois ao se conectar com a linguagem heptapod escrita, ela consegue perceber sua vida, o seu futuro, suas memórias e o tempo como estruturas não lineares.

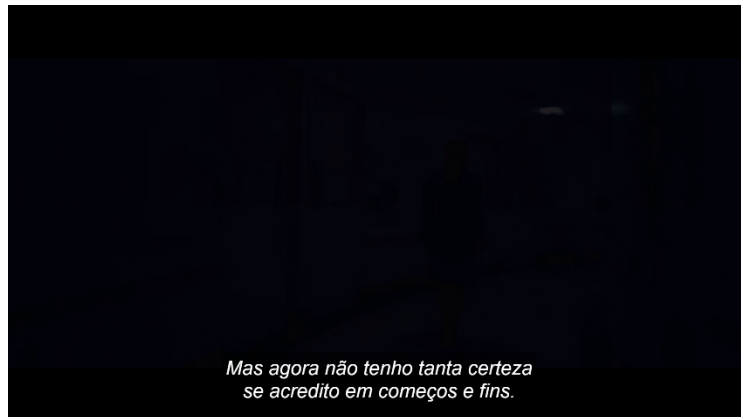
Outro ponto muito importante destacarmos dentro destas narrativas é a quebra da linearidade do tempo dentro das obras, já na “primeira” narrativa - o conto escrito por Ted Chiang -, encontramos, através das falas da narradora-protagonista da trama, esse rompimento com o caráter direcional e unidimensional do tempo e da própria narrativa, aproximando-se da essência que é linguagem *Heptapod* apresentada na obra.

Na linguagem visual de *A Chegada* temos a mesma quebra de uma narrativa linear, ao nos inserir através de aspectos visuais cenas que são inicialmente entendidas como sonhos da personagem Louise Banks, mas que depois se mostram como lembranças de um futuro que ainda não viveu. Logo no início do filme a protagonista nos diz: “A memória é algo estranho, ela não funciona da forma que eu imaginava. Estamos tão presos no tempo, à sua ordem... Eu me lembro de momentos no meio, e esse foi o fim”¹⁴, assim como no conto encontramos logo nos primeiros parágrafos a fala: “Sei como esta história termina; penso muito nisso. Também penso muito sobre como ela começou[...]”¹⁵ e na metade do conto ela se questiona sobre a diferença física entre passado e futuro.

¹³ MARCONDES, D. 2010. Textos básicos de linguagem. De Platão a Foucault. Rio de Janeiro: Zahar., p. 78.

¹⁴ *A Chegada*. Direção de Denis Villeneuve. Estados Unidos: Paramount Pictures, 2016. (116 min.)

¹⁵ CHIANG, Ted. História da sua vida e outros contos. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2016, p. 116.



Trecho inicial do Filme, onde Louise questiona a linearidade do tempo

No conto de Ted Chiang, a chegada dos heptápodes é um evento quase absurdo, no sentido filosófico: acontece sem uma causa ou propósito final revelado. Eles chegam, interagem e partem. A narrativa não se preocupa em justificar a visita com uma missão cósmica. Essa ausência de um “porquê” externo força o foco a se deslocar para a consequência interna e pessoal: a transformação na consciência de Louise. A questão central do conto não é "Por que eles vieram?", mas sim "O que a vinda deles significa para mim e para a história da minha vida?". A linguagem heptapod é uma ferramenta que Louise aprende, e a consequência é a sua percepção simultânea do tempo. O sentido do evento não é dado de fora, mas sim *criado* por Louise através da sua experiência. Isso ecoa um princípio existencialista: a existência precede a essência. A visita alienígena *existe*, e o significado (a essência) é construído a partir da vivência da protagonista. Seu *Amor Fati*, nesse contexto, torna-se uma aceitação radical da vida como ela é, com suas alegrias e tragédias, sem a necessidade de um propósito maior que a justifique.

Em contraste, a adaptação de Denis Villeneuve insere um propósito claro e finalístico (teleológico) na visita dos heptápodes. No filme, a linguagem não é apenas uma consequência da interação; ela é um "presente" ou "arma" entregue com um objetivo explícito: unir a humanidade para que, 3000 anos no futuro, ela possa ajudar os heptápodes.

Essa revelação muda a natureza do evento. A chegada deixa de ser um evento existencial para se tornar parte de um plano cósmico com um fim (*telos*) definido. As ações de Louise, especialmente o uso de sua habilidade para evitar a guerra com a China, não servem apenas à sua jornada pessoal, mas a um propósito que a transcende: a sobrevivência de duas espécies. Nesse contexto, seu sofrimento e suas escolhas ganham uma justificativa grandiosa. O seu *Amor Fati* e a decisão de ter sua filha, mesmo sabendo de sua morte, estão



atrelados não apenas à afirmação de sua própria vida, mas também ao seu papel crucial na salvação do mundo.

Esta divergência fundamental no motivo da chegada dos heptápodes oferece duas lentes distintas para analisar a aceitação de Louise. No conto, seu 'sim' à vida é um ato de afirmação puramente pessoal e existencial, um amor ao destino sem justificativas externas. No filme, seu 'sim' é igualmente poderoso, mas está inserido numa estrutura teleológica que confere ao seu sacrifício pessoal um propósito universal. Enquanto a primeira abordagem se alinha a uma interpretação mais radical do *Amor Fati* nietzschiano, a segunda o contextualiza dentro de uma narrativa de causalidade e salvação mútua. Ambas as versões levam à mesma afirmação da vida, mas o caminho percorrido — um marcado pela ausência de propósito e outro pela sua onipresença — enriquece imensamente a profundidade filosófica da jornada da protagonista.

Estes, e alguns outros, detalhes discordantes na diegese destas obras, a nosso ver, se complementam e nos dão pontos indispensáveis para o entendimento mais amplo da narrativa e das perspectivas ligadas aos conceitos que buscamos analisar, como é o caso do *Eterno Retorno*.

APESAR DE CONHECER A JORNADA...

Os questionamentos do Aforismo 341 de Nietzsche em *A Gaia Ciência* sugerem a dúvida do que seria ter a certeza da jornada vida, o saber do início ao fim da história, entender a temporalidade e a existência. Conforme Juliano Neves, o *Eterno Retorno* “sufocará o ressentido, o fraco, aquele que não suporta a vida, muito menos, sua repetição eterna; para o homem afirmador, aquele que aprova a vida em sua totalidade e, o *Eterno Retorno* do mesmo será a condição para criar valores.”¹⁶.

Temos dentro das histórias das obras a presença de uma narração realizada pela personagem Louise Banks. No filme a narração, em nosso ponto de vista, se torna aquilo que enxergamos na tela, o tempo cronológico e narrativo do filme, um história contada e fragmentada com insights que se assemelham a memórias e que quebram esse tempo linear. Dentro da narrativa em conto acompanhamos a narração de Louise, que se inicia no instante

¹⁶ NEVES, Juliano. O eterno retorno hoje. In: Cad. Nietzsche, São Paulo, n. 32, 2013, p. 3



em que o pai de sua filha lhe fará a pergunta que julga ser o momento mais importante de suas vidas e que implica diretamente no nascimento da criança.



Cena de abertura de *A Chegada*

Ambas as narrativas se iniciam dentro do mesmo instante, no conto a cena é descrita da seguinte forma: “Seu pai e eu acabamos de voltar de um passeio; já passa da meia-noite. Saímos para o quintal para ver a lua cheia; [...] e agora estamos dançando lentamente”¹⁷, já em *A Chegada* a mesma cena também nos leva ao referido instante, no filme o diretor nos apresenta sutilmente, através de um lento movimento de câmera em *tilt* (*movimento de câmera em sentido vertical, de cima para baixo ou o contrário*), a sala onde as taças de vinho estarão e onde acontecerá momento de início e fim do filme. A cena de abertura do filme apresenta um *flash-forward* disfarçado de *flashback*. Através da narração de Louise sobre a estranheza da memória e de uma montagem melancólica que mostra a vida inteira de sua filha, o diretor nos submerge no paradoxo temporal da história. A paleta de cores frias, estabelece um tom introspectivo, fazendo-nos vivenciar o futuro como uma lembrança, exatamente como a protagonista passará a perceber o tempo.

Essa sequência inicial presente no filme já nos apresenta a jornada completa de Louise, com toda a sua alegria e a dor inevitável da perda. Ao fazer isso, o filme estabelece o peso emocional da escolha que Louise fará, transformando o dilema filosófico do *Amor Fati* em uma questão humana. A abertura, portanto, não é apenas um prólogo, mas a própria história contada em círculo, um enigma emocional que só se resolve ao final, espelhando a estrutura do Eterno Retorno.

Então, percebemos já no início das narrativas que a protagonista possui onisciência

¹⁷ CHIANG, 2016, p. 116.

da *história da sua vida*, dos momentos que viveu e até dos que viverá, mas é durante o transcorrer da trama que vamos conhecendo o que lhe trouxe esse estado de consciência e esta visão de mundo.



Memória do *porvir*, onde Louise se vê fluente na linguagem Heptapod

O já citado encontro e a imersão de Louise na linguagem heptapod, segundo a teoria utilizada no enredo das obras, lhe proporcionam compreender o futuro. Na produção filmica Louise nos diz: “Se você aprende (a língua heptapod), quando aprende pra valer você começa a entender o tempo como eles entendem, mas o tempo não é igual para eles. É não linear”¹⁸. Em *História de sua vida*, Louise lamenta que embora seja proficiente na linguagem heptapod, sabe que não experimenta a realidade da mesma forma que um nativo da língua e do mundo cultural ao qual ela está ligada, “Minha mente foi modelada na forma das linguagens sequenciais humanas, e nenhuma intensidade de imersão em uma língua alienígena pode reformulá-la completamente. Minha visão de mundo é um amálgama de humano e heptapod”¹⁹.

Ainda seguindo o conto, existe uma passagem que diz “Considere uma pessoa sentada diante do *Livro das Eras*, uma cronologia que registra todos os eventos, do passado e do futuro”²⁰, lembramo-nos aqui da alegoria do *Eterno Retorno*, apresentada em Assim Falou Zaratustra, que segundo Scarlett Marton, se reflete em “uma imagem, a de um portal chamado “Instante”, ele descreve uma situação em que se juntam dois caminhos que duram uma eternidade: um que corre para trás e outro que corre para diante”²¹

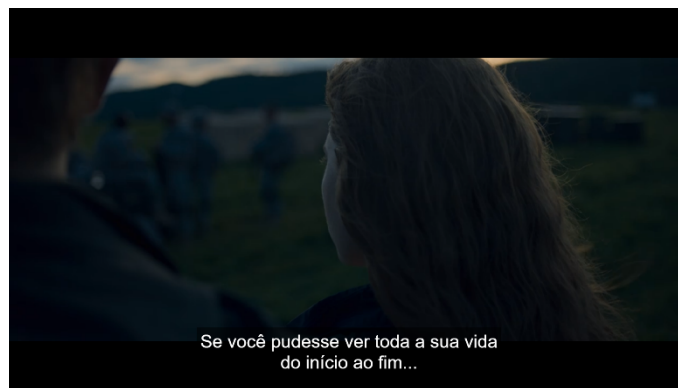
¹⁸ A CHEGADA. 2016.

¹⁹ CHIANG. 2016, p. 165

²⁰ CHIANG, 2016, p. 165.

²¹ MARTON, Scarlett. O eterno retorno do mesmo, “a concepção básica de Zaratustra”. In: Cad. Nietzsche, São Paulo, n. 36 2016, p. 33.

Não é preciso que, de todas as coisas, aquilo que pode acontecer já tenha uma vez acontecido, já esteja feito, transcorrido? E, se tudo já esteve aí: o que achas tu, anão, deste Instante? Não é preciso que também este portal – já tenha estado aí? E não estão tão firmemente amarradas todas as coisas, que este Instante puxa atrás de si todas as coisas vindouras? E assim – a si próprio também? ²²



Questionamentos de Louise após enxergar toda sua vida

Dentro do enredo das obras, indagações como esta (Imagem acima) que Louise faz a Ian (interpretado por Jeremy Renner) em *A Chegada*, acontecem enquanto a personagem já percebeu, aceitou e afirma à si própria a sua inclinação para seguir seu destino, a composição visual ressalta seu estado de reflexão. A câmera posiciona o espectador atrás de Ian, focando no rosto de Louise em um enquadramento de "plano sobre o ombro". Ela está ligeiramente desfocada, com o olhar distante, sugerindo que sua pergunta é mais para si mesma do que para ele. A iluminação suave e a paisagem natural ao fundo criam uma atmosfera introspectiva, capturando o momento exato em que o "mais pesado dos pesos" de Nietzsche se manifesta como uma indagação existencial concreta “Seria realmente possível conhecer o futuro? Não apenas adivinhá-lo; seria possível *saber* o que ia acontecer com certeza absoluta e com detalhes específicos?”²³ num gradativo processo de reconhecimento.

Ted Chiang, traz todas questões presentes no aforismo de Gaia Ciência, e em Assim falou Zaratustra, principalmente sobre o peso que esta consciência teria sobre o nosso agir, e continua “E se a experiência de conhecer o futuro mudasse uma pessoa? E se evocasse um sentido de urgência, um sentido de obrigação de agir do modo que sabia que agiria?”²⁴,

²² NIETZSCHE, Friedrich. ASSIM FALOU ZARATUSTRA. São Paulo: Cia das Letras, 2011, p. 135.

²³ CHIANG, 2016, p. 155.

²⁴ CHIANG, 2016, p. 156.



As dúvidas dentro do conto não cessam por aí e encaram a face do livre arbítrio nessa situação,

Os heptápodes não são livres nem aprisionados, não da forma como entendemos esses conceitos; eles não agem de acordo com sua vontade, nem são autômatos impotentes. O que distingue o modo de consciência dos heptápodes não é apenas a coincidência de suas ações com os eventos da história; seus motivos também coincidem com os propósitos da história. Eles agem para criar o futuro, para executar a cronologia.²⁵

Louise nos leva a perceber o caminho inverso que existe entre saber o futuro e o livre arbítrio, colocando os dois pontos como antagonistas e assim revela que “agora que conheço o futuro, jamais agiria contra ele; incluindo contar aos outros o que sei: os que conhecem o futuro não falam sobre ele. Os que leram o *Livro das Eras* nunca admitem”²⁶

Alguns momentos do filme, através da utilização do corte e inserção de momentos futuros entre Louise e a filha, nos levam a compreender que a percepção temporal vivida pelos heptapods e experimentada pela protagonista vai além de saber o futuro, pois há momentos em que a habilidade de vivenciar momentos que estão por vir lhe permitem influenciar no presente. A experiência que Louise tem, ao emergir nesta linguagem, a faz sentir e viver sua vida com unicidade e ao mesmo tempo. Convergindo com o que traz a obra escrita ao dizer:

“... às vezes, tenho vislumbres quando o heptapod B realmente predomina e vivencio passado e futuro ao mesmo tempo; minha consciência se transforma em uma brasa de meio século de duração queimando fora do tempo. Eu percebo, durante esses vislumbres, toda essa época como uma simultaneidade. É um período que abrange o resto de minha vida, e a totalidade da sua.”²⁷

Após compreender sua atual habilidade e conhecer a trajetória que sua vida irá tomar, mesmo frente a decisão de ter ou não uma filha, que saberia que iria vê-la perecer. Louise em uma sequência de cenas que nos passam a ideia da sua vida forte e onisciente, nos diz aquele “sim, sem reservas”²⁸ e afirma: “Apesar de conhecer a Jornada e aonde ela leva, eu a acolho e saúdo cada momento dela”²⁹, e ainda “Desde o começo eu conheci meu

²⁵ CHIANG, 2016, p. 161

²⁶ CHIANG, 2016, p. 162.

²⁷ CHIANG, 2016, p. 165.

²⁸ NIETZSCHE, 2008

²⁹ A CHEGADA.2016



destino, e escolhi meu caminho de acordo com isso”³⁰. A cena final, em que Louise sorri, é a culminação visual de sua jornada filosófica. Após abraçar seu destino, a câmera a enquadra em um close-up frontal. A iluminação é clara e direta, eliminando as sombras da dúvida. Seu sorriso não é de felicidade ingênua, mas de uma profunda e consciente aceitação. É um sorriso que contém todo o conhecimento da dor que virá, mas que, ainda assim, afirma a totalidade da experiência. Este enquadramento finaliza a narrativa ao nos mostrar o rosto do *Amor Fati*: a expressão de quem, como diz a própria personagem, "acolhe a jornada e saúda cada momento dela". É o "sim, sem reservas" de Nietzsche traduzido em uma única e poderosa imagem



Louise diz sim à vida

Para Nietzsche é quando aceitamos e amamos nosso destino que conseguimos expulsar a dor e o ressentimento, compartilhamos do pensamento de Scarlett Marton, ao dizer que: Amar o destino é aceitar tudo o que há de mais terrível e mais doloroso, mas também tudo o que há de mais alegre e exuberante na vida; em suma, é afirmar de modo absoluto e incondicional tudo o que ocorre”³¹.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A nosso ver, Nietzsche via na doutrina do *Eterno Retorno* a possibilidade da superação do niilismo, do ressentimento, a afirmação da vida e o amor-fati, o mesmo nos diz: “A minha fórmula para a grandeza do homem é amor fati: nada pretender ter de diferente, nada para a frente, nada para trás, nada por toda a eternidade”³². A aceitação e o amor ao destino, não como uma visão ou doutrina que propõe a existência de alguma forma

³⁰ CHIANG, 2016, p. 169

³¹ MARTON, 2016, p. 44.

³² NIETZSCHE, 2008, p. 42



de salvação supraterrânea, e que espera seguir uma dita moral e determinados valores. Pois “aderir de modo incondicional a tudo o que advém, acolher o sofrimento como parte integrante da existência, abraçar o amor fati, é “um sagrado dizer-sim” à vida”.

Observa-se através de análises das narrativas do conto *História da sua vida* e sua adaptação fílmica, *A Chegada*, um alinhamento com a concepção do amor a vida existentes na doutrina do *Eterno Retorno* de Nietzsche. Entendemos que tal conceito reverbera e ecoa dentro destas e de outras produções literárias ou cinematográficas.

As considerações finais deste trabalho, longe de esgotarem o tema, abrem novas e promissoras vias de investigação. Por um lado, futuras pesquisas poderiam aprofundar a problematização do livre-arbítrio, já presente no conto, colocando a jornada de Louise em diálogo com outras escolas filosóficas para além de Nietzsche; uma análise sob a ótica do estoicismo, do compatibilismo ou do existencialismo sartriano, por exemplo, poderia gerar novas interpretações sobre a natureza de sua escolha. Por outro lado, um campo de estudo distinto e igualmente relevante seria a análise de recepção da obra cinematográfica, investigando como o público e a crítica especializada processaram uma narrativa que subverte as expectativas de um final feliz tradicional. Tais abordagens poderiam iluminar não apenas a complexidade das obras de Chiang e Villeneuve, mas também a maturidade do espectador contemporâneo para lidar com temas existenciais.

REFERÊNCIAS

- A Chegada.** Direção de Denis Villeneuve. Estados Unidos: Paramount Pictures, 2016. (116 min.)
- APOLINÁRIO, José Antônio. **O sentido do trágico e a efetividade do criar para além: Nietzsche e a plasmação dionisíaca.** Disponível em <https://revistas.ufrj.br/index.php/tragica/article/view/24135/13378>. Acesso em 20 de dezembro de 2023.
- BRUSOTTI, Marco. **O eterno retorno do mesmo em Assim falou Zaratustra.** Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/estudosnietzsche/article/view/40373/26642> . Acesso em: 02 de janeiro de 2024.
- CHIANG, Ted. **História da sua vida e outros contos.** Rio de Janeiro: Intrínseca, 2016.
- D’IORIO, Paolo. **O eterno retorno. Gênese e interpretação.** Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/cniet/article/view/7819/5360> . Acesso em: 02 de janeiro de 2024.
- DEZOPA, Guilherme Guedes. **A estruturação temporal no filme “A Chegada” (2016) como as características na narrativa cinematográfica do filme configuram uma reflexão**



- sobre uma experiência no tempo. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/28228/1/Estrutura%20a7%20a3oTemporalFilme.pdf>. Acesso em: 20 de dezembro de 2023.
- MACHADO, Roberto. **Nietzsche e a verdade**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.
- MARTON, Scarlett. **O eterno retorno do mesmo, “a concepção básica de Zaratustra”**. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cniet/a/nXt4DyDDhrFts3CbW4rdYfn/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 2 de janeiro de 2024.
- MECA, Diego Sanchez. **Nietzsche ou a eternidade do tempo**. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cniet/a/fNpMnFkR9qXWTzDCJ5SZV9L/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em 5 de janeiro de 2024.
- NEVES, Juliano. **O eterno retorno hoje**. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cniet/a/9zQpnHg4gpPXVWttQ8dWpPq/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 02 de janeiro de 2024.
- NIETZSCHE, Friedrich. **A Gaia Ciência**. São Paulo: Cia das Letras, 2009.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**. São Paulo: Cia das Letras, 2011.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Ecce Homo**. Como se chega a ser o que se é. Covilhã: LusoSofia, 2008.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Vida e Obra**. São Paulo: Nova Cultura, 1996.
- RAMOS, Larissa Aparecida. **Aspectos do “Eterno Retorno” De Friedrich Nietzsche No Filme A Chegada (2016)**. Disponível em: <https://revistas.unisagrado.edu.br/index.php/mimesis/article/view/389/221>. Acesso em 20 de dezembro de 2023.
- RIBAS, Maria Cristina Cardoso. **Literatura e(m) cinema: breve passeio teórico pelos bosques da adaptação**. Disponível em: <http://revistaalceu-acervo.com.puc-rio.br/media/alceu%2028%20-%20117-128.pdf>. Acesso em 20 de novembro de 2023.